# OS NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS NAS NARRATIVAS ORAIS DO ASSENTAMENTO BOTOS: AS RECRIAÇÕES DE SIGNIFICADOS DE PALAVRAS E EXPRESSÕES<sup>1</sup>

Ana Paula Teixeira Gouveia<sup>2</sup>

Orientadora: Ana Cláudia Fernandes Nogueira<sup>3</sup>

Resumo: Este artigo traz uma discussão acerca dos neologismos semânticos encontrados nas narrativas orais do PAE Botos, levando em consideração os aspectos culturais e sociais dessa comunidade como fatores inerentes ao sentido produzido por estes neologismos que, passando por uma mudança de ordem semântica, tornam-se novos produtos. Neles foram identificados dois recursos linguísticos: a polissemia e a metáfora. Para isto, optou-se pelo desenho qualitativo da metodologia. O *corpus* são 19 (dezenove) narrativas orais fornecidas pelos assentados do PAE Botos durante uma pesquisa de iniciação científica. Para analisá-las com base na Lexicologia duas técnicas foram utilizadas: as narrativas na perspectiva de Paul Ricoeur (1994) e a Análise de Conteúdo de acordo com Lawrence Bardin (2007). Nas narrativas do PAE Botos, esses neologismos só fazem sentido se postos ao lado do contexto e do cenário em que são criados apontando assim para os traços culturais e a realidade social dos assentados. Por fim, destaca-se a satisfação de compreender o léxico da comunidade do PAE Botos do ponto de vista da neologia semântica, por meio da qual houve a possibilidade de tecer relações entre a língua e o cotidiano de conflito, de ameaças, de apego a terra e a simplicidade das pessoas do meio rural.

Palavras-chave: Neologismo semântico. Metáfora. Polissemia. PAE Botos.

Abstract: This article is a discussion about semantic neologisms found in oral narratives, in PAE Botos. It takes into consideration culture and society as important aspects to understand that semantic neologism. When this happens the word gets another meaning. These neologisms were identified by two processes: polysemy and metaphor. For this, this research had a qualitative drawing in the methodology. It used 19 (nineteen) oral narratives supplied by the people from PAE Botos during a research named PIBIC. Lexicology is a science chosen to analyze them and it used two techniques: the narratives in Paul Ricoeur's perspective (1994) and the Analysis of Content according to Lawrence Bardin (2007). The neologisms in the narratives only make sense if they are put into the context and the scenery that they are created. Finally, it is important to talk about the satisfaction to understand the semantic neologism as a process linked to the everyday life in PAE Botos. It was a possibility to make relations between the language and the conflict, threats, a relationship that people have with land and the rural people simplicity.

**Key words:** Semantic neologism. Metaphor. Polysemy. PAE Botos

# INTRODUÇÃO

Os neologismos são concebidos de forma recorrente no uso da língua no cotidiano em diferentes situações. Sua ocorrência está ligada a fatores de ordem extralinguística,

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Artigo Científico apresentado para obtenção de nota parcial na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM – IEAA.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Professora da Universidade Federal do Amazonas, Campus Vale do Rio Madeira. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ambiente, Socioeconomia e Agroecologia – NUPEAS.

quando se leva em consideração que a criação neológica só é válida quando comporta um sentido que, por sua vez, está correlacionado com um contexto social (MARTINS, 2001). Isto se opera no léxico que:

[...] é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sociocultural de uma comunidade. Em vista disso, torna-se testemunha da própria história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a regem (OLIVEIRA, 2001, p. 109).

Pensando nesta perspectiva, surgiu o interesse pelo léxico da comunidade do Projeto de Assentamento Agroextrativista Botos – PAE Botos, em especial, pelos neologismos semânticos criados por estas pessoas por meio dos quais expressam suas maneiras de ver a realidade da qual fazem parte.

Este interesse se deu a partir de uma pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas que tinha por objetivo compreender os principais conflitos pelo uso da terra no PAE Botos. Para tanto, utilizou-se narrativas orais dos membros mais velhos de vinte famílias da comunidade. Estas narrativas foram gravadas e transcritas sendo possível notar a riqueza das mesmas no que se refere ao ponto de vista linguístico.

As narrativas são parte dos dados coletados pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ambiente, Socioeconomia e Agroecologia – NUPEAS<sup>4</sup> e foram utilizadas para a análise dos conflitos durante a pesquisa de PIBIC como também na pesquisa que deu origem a este trabalho de conclusão de curso.

Este artigo, portanto, traz uma discussão acerca dos neologismos semânticos encontrados nas narrativas orais do PAE Botos, levando em consideração os aspectos culturais e sociais dessa comunidade como fatores inerentes ao sentido produzido por estes neologismos.

#### 1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Projeto de Assentamento Agroextrativista Botos – PAE Botos está situado na margem esquerda do Rio Madeira, à aproximadamente 60 km da área urbana do município de

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Núcleo de pesquisa financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Humaitá, Amazonas. Foi criado no ano de 2004 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Há, em média, 60 famílias no Botos que desenvolvem atividades de extrativismo vegetal da castanha e do açaí; e da agricultura familiar.

A única forma de acesso é via fluvial, o que leva, em média, uma hora e trinta minutos de viagem por meio de voadeira e, de barco, quatro horas com saída da área urbana de Humaitá. O assentamento possui 101.397,6518 ha (cento e um mil, trezentos e noventa e sete hectares, sessenta e cinco ares e dezoito centiares) e um perímetro de 293.981,72 metros. O PAE Botos fica a, aproximadamente, 35 km (trinta e cinco quilômetros) de distância da BR-319, porém não há forma de acesso ao assentamento pela mesma<sup>5</sup>.

A pesquisa teve abordagem qualitativa, pois segundo Minayo (1994) este tipo de pesquisa é o que dá destaque à incorporação do significado e da intencionalidade presentes nos atos, nas relações e nas estruturas (MINAYO, 1994).

O *corpus* desta pesquisa são 19 (dezenove) narrativas orais fornecidas pelos assentados do PAE Botos durante uma pesquisa de iniciação científica. Para analisá-las com base na Lexicologia duas técnicas de análise foram utilizadas: as narrativas na perspectiva de Paul Ricoeur (1994) e a Análise de Conteúdo de acordo com Lawrence Bardin (2007).

Ricoeur (1994) escreve que o tempo para o ser humano é um tempo que pode ser recontado, porém à guisa de cada sujeito e suas acepções, quando este transmite suas experiências, estas passam por um processo de reconstrução dando margem a novas maneiras de contar o que foi vivido. E ao narrar concebe recriações semânticas. Fazendo uma ligação com o que se propôs durante a pesquisa, tem-se que os neologismos obedecem à mesma concepção de Paul Ricoeur no tocante ao conjunto de situações nas narrativas orais.

A análise de Conteúdo, na concepção de Bardin (1977) é um conjunto de técnicas que visa à sistematização da análise de diferentes tipos de discurso, tendo como foco o conteúdo das mensagens. Assim, a autora enfatiza que é apenas aparentemente que a análise do conteúdo e a linguística têm o mesmo objeto de estudo: a linguagem, já que há diferenças:

A linguística tenta estabelecer o manual do jogo da língua; a análise de conteúdo tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado, com o contributo das partes observáveis [...] É o trabalhar a palavra e as significações que diferenciam a análise de conteúdo da linguística, embora a distinção fundamental resida noutro lado. A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise do conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens (p.38).

3

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Memorial descritivo. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, Unidade Avançado de Humaitá, Amazonas.

Partiu-se desta perspectiva para entender a Análise de Conteúdo como um conjunto de técnicas para sistematizar a análise linguística, neste caso, a análise dos neologismos. Para tanto, a mesma seguiu o processo proposto por Bardin (1994): a pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na pré-análise, as narrativas passaram por uma leitura superficial na qual se focalizou os neologismos semânticos e o surgimento de hipóteses para o significado dos mesmos. Nesta fase, também foram selecionadas as expressões que continham a neologia semântica, levando-se em consideração que a polissemia compõe o processo de formação deste tipo de neologismo (BARBOSA, 2001). A seleção dos neologismos foi feita a partir de um quadro analítico contendo o número da narrativa explorada e os neologismos encontrados nela.

Na exploração do material se observou o nível de recorrência dos neologismos semânticos de acordo com temas pertinentes à vida cotidiana do PAE Botos (situações de conflito pelo uso da terra, condições de infraestrutura e outros termos usados no dia a dia do assentamento). Percebeu-se que, ao falarem destes temas, os assentados utilizavam tanto a capacidade polissêmica das palavras, dando um novo sentido para um vocábulo, quanto a metáfora, que apresenta a polissemia de forma mais complexa (CAMARA JR, 2007).

As metáforas e os vocábulos em que se encontravam polissemia foram organizadas em outro quadro que consistia em categorias relacionadas ao cotidiano do Botos. A saber: Situações de conflito e os atores envolvidos, condições de infraestrutura, localização geográfica e termos mais gerais do cotidiano.

Na terceira etapa se fez o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação com base na Lexicologia e nos pressupostos da neologia. Por se tratar da neologia semântica, optou-se por trabalhar com a Semântica de Contextos e Cenários, teorizada por Celso Ferrarrezi Júnior. Para validar as unidades neológicas, fez-se a contraposição com o significado das palavras existentes na obra lexicográfica Dicionário Eletrônico Novo Aurélio, versão 5.0 da Positivo Informática e no "Amazonês: Expressões e termos usados no Amazonas", elaborado por Sergio Freire (2011). Todos os termos e expressões analisadas tiveram base no contexto das narrativas que serviu de auxílio no entendimento da funcionalidade dos neologismos semânticos.

#### 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 LINGUÍSTICA

A Linguística se dedica ao estudo científico da linguagem verbal humana, procurando descrever e explicar fatos como os padrões sonoros, gramaticais e lexicais de uma língua, sem levar em conta estes aspectos do uso da língua sob a perspectiva de padrões guiados pela estética, pela moral ou pela crítica. Da mesma forma, a Linguística não tem seu fim no estudo tradicional da gramática, porém procura estudar,

As diferenças de pronúncias, de vocabulário e de sintaxe observadas por um habitante de São Paulo, por exemplo, ao comparar sua expressão verbal à dos falantes de outras regiões, como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte, muitas vezes o fazem considerar "horrível" o sotaque de algumas dessas regiões; "esquisito" seu vocabulário e "errada" sua sintaxe. Esses julgamentos não são levados em conta pelo lingüísta (PETTER, 2006, p. 17).

O linguista precisa conhecer outras línguas, seus sistemas, semelhanças e diferenças, de modo que o objeto de estudo é a língua e, por meio deste estudo, é possível identificar o funcionamento da linguagem em comunidades de fala, no primeiro momento, e, no segundo momento, na escrita de uma comunidade (PETTER, 2006).

A partir do século XIX, a Linguística começa a se distinguir da Filologia, que traz uma abordagem mais tradicional da língua, muito ligada aos aspectos do desenvolvimento histórico de uma língua. Estes aspectos estão explícitos em textos escritos, na literatura e na cultura intrínseca aos mesmos. Atualmente, porém, a Linguística é entendida como ciência que se ocupa de todos os fenômenos da linguagem e isto inclui trabalhos também voltados à gramática tradicional e à Filologia (WEEDWOOD, 2002).

No século XX, Ferdinand de Saussure em sua obra *Cours de linguistique générale* (Curso de Linguística Geral, 1916) definiu que a linguagem pode ser dividida em dois segmentos: a língua e a fala,

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade mental nos indivíduos (SAUSSURE, 1969, p. 17).

Já a fala é concebida por Saussure como algo individual. Cada falante vai se portar de uma maneira ao utilizar a língua. Esta divisão feita por Saussure, também vai dividir os estudos linguísticos em dois: a linguística da língua e a linguística da fala,

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física (SAUSSURE, 1969, p. 27).

Também no século XX, Noam Chomsky traz outra visão para os estudos linguísticos. Para ele, a linguagem é uma habilidade inata de qualquer falante e, diferente de Saussure, que distingue a língua da fala, Chomsky apresenta os conceitos de competência linguística e desempenho,

A competência lingüística [...] é um conjunto de regras que o falante construiu em sua mente pela aplicação de sua capacidade inata para a aquisição da linguagem aos dados linguísticos que ouviu durante a infância. O desempenho corresponde ao comportamento lingüístico, que resulta não somente da competência lingüística do falante, mas também de fatores não lingüísticos de ordem variada, como: convenções sociais, crenças, atitudes emocionais do falante em relação ao que diz, pressupostos sobre as atitudes do interlocutor, etc (PETTER, 2006, p. 15).

Desta forma, a língua concebida como sistema linguístico social à que Saussure se refere, estreita relações da Linguística com a Sociologia e a Psicologia Social, por exemplo; ao passo que a categoria competência teorizada por Chomsky relaciona a Linguística com ciências como a Psicologia Cognitiva e a Biologia (Ibid).

De acordo com Fiorin (2006), há cinco objetos teóricos instituídos pela Linguística durante os séculos XIX e XX: a langue, a competência, a variação, a mudança e o uso; como também há níveis para a análise linguística: fonético, o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico, o pragmático e o discursivo.

Weedwood (2002) apresenta uma organização da linguística em dois grupos: a macrolinguística e a microlinguística. Há na composição da primeira divisão ciências que apresentam nomenclaturas próprias: psicolinguística, sociolinguística, linguística antropológica, dialetologia, linguística matemática e computacional, estilística, etc. Naquilo que se chama microlinguística estão presentes os níveis de análise apresentados por Fiorin: a fonética, a fonologia, a sintaxe, a morfologia e a semântica com a inclusão de mais um, a lexicologia.

#### 2.2 LEXICOLOGIA

A Lexicologia, segundo Henriques (2011) é um dos níveis de análise dos estudos linguísticos que se interessa pelo léxico de maneira muito variada. Esta subárea da Linguística leva em conta que cada palavra possui um sentido que se relaciona com idiossincrasias do uso da língua por um grupo. Conforme Henriques,

[...] Cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à Lexicologia dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o Léxico, ou seja, a sua significação (2011, p. 13).

Estas palavras ou lexias que, em conjunto compõem uma língua, são chamadas de léxico. As lexias são interdependentes, quando consideradas dentro de um contexto formado em determinados espaço e tempo. De outra forma não podem expressar uma ideia que agregue um sentido,

As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavrões (Ibid).

O léxico é um conjunto significativo de palavras postas de forma dinâmica e, a partir dele há a associação da palavra ao seu conceito e o homem manipula o léxico como ferramenta para construir o significado de tudo à sua volta, pois é uma maneira de sistematizar o que adquire pela experiência,

Os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo e organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais. Assim, podemos afirmar que o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras e conceitos, que simbolizam os referentes. Portanto, os símbolos, ou signos linguísticos, se reportam ao universo referencial (BIDERMAN, 2001, p. 13-14).

Desta forma, é impossível não considerar o léxico como um produto social, uma vez que o léxico faz parte da realidade linguística do seu falante e se apresenta na dinamicidade do seu cotidiano bem como está intrinsicamente ligado à sua cultura enquanto instrumento que o ajuda a formular representações sociais. Isquerdo (2001) coloca, por exemplo, que o estudo do léxico regional pode ajudar na compreensão da cultura, na história e na visão de mundo de uma determinada comunidade e,

[...] o estudo do léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo (p. 91).

O léxico é o que permite ao falante elaborar a sua forma de ver a realidade, a sua forma de construir as interpretações no que se refere às situações do cotidiano, já que é por meio de palavras que se externa pensamentos, visões de mundo, posicionamentos,

[...] o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos da cultura (OLIVEIRA E ISQUERDO, 2001, p. 9).

Biderman (2001) explica que, embora se atribua a Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica à medida que se ocupa do léxico e da palavra e, assim, ocupa-se também de sua dimensão significativa. Do ponto de vista histórico, Biderman (2001) coloca ainda que na década de cinquenta do século XX foram feitos estudos em Léxico-estatística com vistas ao entendimento do ensino-aprendizagem do vocabulário e tipologia linguística. Além destas, há também a Semântica Evolutiva ou Diacrônica e, ainda, fronteiras com a Dialetologia e Etnolinguística, que são áreas de cunho interdisciplinar que estudam Palavras e Coisas, ou seja, a inter-relação entre língua e cultura,

Tradicionalmente os estudiosos da Lexicologia tem-se ocupado da problemática da formação de palavras, província em que essa ciência confina com a Morfologia, dita lexical. Os lexicólogos vêm-se dedicando também ao estudo da criação lexical, ou seja, dos neologismos [..] Mais recentemente a Psicolinguística e a Neurolinguística têm feito muitas pesquisas experimentais sobre a estocagem do vocabulários e o problema do acesso ao repertório lexical armazenado na memória (BIDERMAN, 2001, p. 16-17).

Vê-se que a Lexicologia toma o léxico como via de armazenamento de informações. Ferraz (s/d) afirma que esta via de armazenamento engloba a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e extralinguísticos que venham a contribuir para a elaboração dos enunciados. O léxico de uma língua contém o repertório de ações e experiências daqueles que usam a língua, de modo que é constituído de acordo com a necessidade de expressar estas experiências humanas.

Desta forma, os estudos neológicos vêm se mostrar como criações lexicais, de acordo com Alves (2007) à medida que o produto da neologia, o neologismo, acontece pela dinamicidade da língua, ou talvez a necessidade de tornar alguns usos da língua arcaicos e criar outros que possam expressar cada vez melhor a ideia que gera a comunicação entre os falantes.

#### 2.3 NEOLOGIA

Em 1950, surgem os primeiros trabalhos neológicos dentro dos estudos da Lexicologia. Alves (2001) coloca que Louis Guilbert (1975) definiu o conceito de neologia no nível lexical e Jean-Claude Boulanger definiu o neologismo como "uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou, ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema linguístico estrangeiro e aceito na língua francesa" (BOULANGER, 1979, p. 65-6 apud ALVES, 2001, p. 25). Fala-se em língua francesa por ser neste idioma que se publica a primeira obra de caráter lexicológico sobre neologia também em 1950: La formation du vocabulaire des chemins de fer em France. O autor é Peter Wexler e seu trabalho deu impulso a outros de autoria de Louis Guilbert, Jean-Claude Boulanger e J. Dubois (*Ibid*).

Alves (2007) diz ainda que o léxico da língua portuguesa sofreu influências de outras culturas e outras línguas, além de alterações provindas do próprio acervo da língua portuguesa por meio de recursos da língua latina como a derivação e a prefixação. De acordo com a autora, a língua francesa exerceu grande influência sobre o português a partir do século XVIII, entretanto, num contexto mais contemporâneo, a língua portuguesa vem sendo influenciada pela língua inglesa, principalmente no que toca o léxico técnico e científico da língua,

Além desses recursos, que utilizam elementos da própria língua, o idioma português tem herdado unidades léxicas de outros sistemas lingüísticos desde o início de sua formação: empréstimos provenientes de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos (influência celta, fenícia, basca, bárbara, árabe, africana e tupi) e empréstimos culturais, fruto de relações sociais luso-brasileiras com outras sociedades (origem provençal, francesa, espanhola e italiana) (ALVES, 2007, p. 5-6).

O repositório lexical de uma língua viva sofre alterações de forma constante, isto é, os falantes de uma língua têm a capacidade natural de criar novas unidades lexicais. Defronte a esta ideia, coloca-se o conceito de Neologia, que segundo Alves (2007) é o que nomeia esse processo de criação e o produto dessa renovação chama-se neologismo.

A neologia se ocupa das mudanças e renovações no léxico mostrando que este último é dinâmico como a sociedade (Barbosa, 1996). A Lexicologia e a Linguística Geral dão importância à renovação lexical, mais precisamente à sua dinamicidade, porque, por meio dessa dinâmica de renovação lexical, é que se pode palpar as mudanças pelas quais passa o sistema de valores que um grupo compartilha,

Na abordagem das línguas naturais, a Lingüística e a Lexicologia consideram o estudo da dinâmica da renovação lexical como um aspecto relevante, dentre outras razões, porque é nela que são mais claramente observáveis as transformações pelas quais passa o sistema de valores grupalmente compartilhados, as mudanças continuadas de um sistema social e de um sistema cultural (BARBOSA, 2001, p. 34).

Neste sentido, a criação dos signos e suas funções é o que corresponde aos anseios do homem para explicar e significar as situações pelas quais passa e suas emoções, de modo que o signo é criado e a ele é atribuída uma função sem a qual o mesmo não teria sentido, sendo assim, a origem dos signos se dá a partir de uma necessidade do homem,

[...] A origem dos signos e a sua função acham-se estreitamente ligadas às necessidades sociais do grupo. A função social é tomada, pois, como elemento constitutivo dos signos. Do ponto de vista semiótico e sociológico, cada nova proposição de signo implica não apenas a produção de um novo recorte antropocultural e da unidade linguística que lhe corresponde, como também a resposta àquelas necessidades, numa conjuntura mais ampla (BARBOSA, 2001, p. 35).

Assim, há de se considerar que o estudo acerca da dinâmica da renovação do léxico não visa somente chegar à compreensão dos mecanismos presentes na criação de novas palavras. É preciso, então, que se leve em consideração a influência dos contextos

intralinguísticos e extralinguísticos e as circunstâncias espaço-temporais em que se dá o neologismo,

[...] além de mostrar que uma palavra é derivada, composta, enfim, de situá-la numa classe de processos de criação lexical, é necessário propor questões como: quem criou a nova palavra, em que universo de discurso foi produzida, em que tempo, em que lugar geográfico e semântico surgiu, para quem foi criada, como foi criada (BARBOSA, 2001, p. 37).

Para entender o que são os contextos intralinguísticos e extralinguísticos, bem como as condições espaço-temporais, primeiramente deve-se perceber que os neologismos passam por um processo dividido em três etapas. Assim, a primeira delas é a etapa da criação do neologismo; em seguida se realiza a etapa de aceitação desse neologismo, que é realizada de forma coletiva, por se tratar de um processo social e cultural; e a na última fase esse neologismo já está agregado ao sistema linguístico. A repetição desse neologismo é um fator fundamental para a *desneologização* da criação lexical (BARBOSA, 2001).

Também é preciso considerar que as criações neológicas só terão utilidade se funcionarem dentro do sistema linguístico do falante, isto é, os neologismos devem ser inteligíveis e levar em conta o contexto em que é criado, para quem é criado e qual a intenção dessa criação. De outro modo não podem fazer com que exista comunicação entre os falantes de uma língua,

A neologia lexical é o estudo da criação da palavra ou conjunto de palavras, de sua produção e aparecimento, num momento dado da história da língua. Isto conduz evidentemente à análise do contexto sociolingüístico. Mas, para que o uso do neologismo se torne efetivo, é preciso que, além das pressões sociais, o sistema linguístico esteja apto a absorvê-lo (ALVES, 2006, p. 191).

Há uma relação entre o processo de criação do neologismo e a variação linguística sob quatro perspectivas: diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica. Quando um neologismo ocorre num determinado momento de uma língua, pode desaparecer ou se desneologizar caracterizando uma variação diacrônica. Existem criações neológicas que são originárias de uma determinada localidade e podem estar restritas a essa localidade, sendo esta uma variação diatópica. Na variação diastrática, a criação lexical vai ser de uso restrito de diferentes classes sociais, e na perspectiva da variação diafásica, vocábulos que antes integravam discursos de determinadas áreas, como a técnico-científica, por exemplo, passam a fazer parte do vocabulário econômico, político e até do mais coloquial (BARBOSA, 2001).

Depois disso é interessante mencionar os processos intralinguísticos do neologismo. Barbosa (2001) apresenta uma classificação em quatro classes no que tange os processos de criação do neologismo feita por Guilbert (1975). Desta maneira há o neologismo fonológico, o semântico, o sintagmático e o alogenético.

O neologismo fonológico é uma combinação totalmente nova de fonemas, uma palavra nova. O neologismo semântico procede de uma grandeza-signo já existente, porém a ela é atribuído um novo conteúdo que "corresponde a novo recorte cultural" (BARBOSA, 2001, p. 41). O neologismo sintagmático parte do processo de derivação e composição das unidades lexicais. Pode se apresentar em uma unidade lexical, em um segmento de frase ou numa frase completa pela combinação de vocábulos autônomos. E o neologismo alogenético é aquele que ocorre quando uma língua empresta uma unidade lexical nova de outro sistema lingüístico e sociocultural (Ibid).

Aqui, cabe dizer que, dentre estes tipos de neologismos, este trabalho se aterá ao neologismo semântico. Assim, tem-se que este tipo de neologismo tende a ser o mais recorrente em uma língua, pois são aqueles concebidos sem que seja preciso ocorrer transformações na estrutura das palavras. Há basicamente uma extensão de sentido que varia de acordo com o contexto em que é usado, assim

Muitos neologismos são criados na língua portuguesa sem que se opere nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes. Qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento. Trata-se, nesses casos, do neologismo semântico ou conceptual (ALVES, 2007. p. 62).

Esses neologismos adquirem uma mudança de ordem semântica, fazendo-os se tornarem novos produtos e podem acontecer por meio de processos estilísticos como a metáfora e a metonímia, como também compartilhar vocabulários de valor terminológico específico, que compondo outros campos lexicais, estão imbuídos de outro significado (Alves, 2007). Concebendo desta maneira,

A neologia semântica parece ser o processo mais frequente e mais produtivo na dinâmica de ampliação e renovação lexicais; isso explica o fato de ser a polissemia a regra, e a monossemia, a exceção, no amplo conjunto dos lexemas que integram o Universo Léxico (BARBOSA, 2001, p. 41).

A polissemia atua na multiplicação dos sentidos de uma palavra, isto é, o sentido das palavras, não sendo único, pode ser alterado de acordo com o contexto em que estão sendo usadas. Ferrarezi Jr. coloca que,

[...] um mesmo sinal não tenha um sentido literal e fixo, mas diferentes sentidos que lhe são associados conforme o contexto e o cenário em que ele estiver sendo usado, inclusive um sentido mais costumeiro, em dada comunidade de fala, que é o sentido ao qual o sinal é mais costumeiramente associado pelos falantes (2008, p. 165).

Isto corrobora com a ideia de conceber os neologismos semânticos e os neologismos de forma geral como processos dependentes de peculiaridades discursivas de uma comunidade levando em conta o que é linguístico e extralinguístico, como afirma Barbosa (2001) de forma que, dentro de um contexto, a comunidade de fala irá elencar quais palavras utilizar e quais sentidos serão atribuídos a elas com vistas ao sucesso durante a comunicação.

#### 3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As narrativas que serão analisadas a seguir foram coletadas no Projeto de Assentamento Agroextrativista Botos durante uma pesquisa de iniciação científica que tinha por objeto de estudo os conflitos pelo uso da terra em assentamentos. A comunidade Botos é uma população tradicional<sup>6</sup> residente na área rural do Município de Humaitá, Amazonas. Assim, durante a transcrição das narrativas, notou-se o uso peculiar da língua dando destaque aos neologismos semânticos, atrelados à realidade desse assentamento. Por esta razão, uma contextualização acerca da vida dos assentados do PAE Botos se faz necessária.

Um Projeto de Assentamento Agroextrativista é uma modalidade de uso coletivo, de acordo com os padrões do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e é instituída pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O perímetro do assentamento não é demarcado por meio de lotes. Assim, as pessoas assentadas no PAE Botos devem se organizar para o trabalho de coleta de castanha e plantação de mandioca e banana, por exemplo, deste modo.

Esta condição coletiva, no entanto, não tem sido satisfatória para os assentados, pois há o conflito pelo uso da terra que têm como causa o usufruto dos recursos naturais,

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> [...] grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza [...] (DIEGUES E ARRUDA, 2001, p. 27).

principalmente a castanha, que é a maior geradora de renda para os assentados e para as pessoas que possuem propriedade particular no entorno do Botos. Como grande parte dos castanhais integra a área que está dentro do perímetro do assentamento, as pessoas do entorno criaram um processo contínuo de reclamar a posse de algumas áreas em que estão presentes os castanhais usando como argumentos os fatos dos assentamentos não terem lotes e não terem um documento comprobatório de posse.

No contexto que antecede a criação do assentamento, os donos de terras particulares ocupavam o papel de patrões<sup>7</sup> daqueles denominados fregueses<sup>8</sup> que atualmente são os assentados. Instaurou-se uma hierarquia de poder na qual os assentados estavam submetidos às ordens do patrão que, muitas vezes, tinham certo grau de parentesco com seus fregueses, caracterizando esse tipo de trabalho como situação natural. Os assentados não tinham direito de posse algum. Trabalhavam com o extrativismo da castanha e da seringa para os patrões com quem dividiam os lucros do que era vendido, sendo pouco equitativa esta divisão.

Após a instituição do assentamento, este tipo de relacionamento não sofreu grandes alterações. Os assentados ainda estão de certa forma submissos aos antigos patrões, porém estão sendo coagidos, ameaçados e intimidados dentro de uma terra que por lei lhes pertence. Primeiro, por conta da relação de poder estabelecida antes da criação do PAE Botos; segundo, por conta da ausência do órgão federal responsável pelo assentamento na defesa dos assentados enquanto proprietários do Botos.

É necessário colocar que os conflitos pelo uso da terra estão dentro de um conjunto de problemáticas. Além das disputas por terra, existem muitas falhas na infraestrutura do assentamento. Não há agentes de saúde, escola, segurança no trabalho, acesso á agua de qualidade e a associação possui um trabalho fragmentado.

Olhando para este cenário, a análise dos neologismos semânticos irá considerar três atores para este conflito: os assentados, os donos de terra particular e o INCRA. Estes receberão siglas: P1, P2 e P3, respectivamente, já que serão utilizados frequentemente no decorrer da análise.

Os neologismos semânticos analisados trazem descrições do cotidiano dos P1 de um modo geral. Assim, os neologismos semânticos abordarão os seguintes aspectos: as situações de conflito, a postura dos P1 frente aos conflitos, as condições de vida no PAE no tocante à sua infraestrutura, noções de localidade dentro do assentamento e expressões usadas para definir situações, pessoas e objetos.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Pessoas que possuem títulos de posse de terra antigos.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Pessoas que trabalhavam para as pessoas que detém o titulo da propriedade particular.

A metáfora será o recurso estilístico utilizado para entender os processos dos neologismos semânticos e a polissemia, de acordo com Barbosa (2001), será tomada como regra para interpretar os usos das expressões nas metáforas encontradas nas narrativas do PAE Botos.

# 3.1 NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS COTIDIANOS: AS METÁFORAS DA REALIDADE DE VIDA

Os conflitos pelo uso da terra no PAE Botos são contínuos. Interferem nas condições de trabalho de seus moradores, pois diante das ameaças às famílias se torna impossível proceder com as atividades de extrativismo tranquilamente. Há, então, o desejo de amparo pela instituição responsável, que se refletiria no esclarecimento acerca do perímetro do PAE Botos reafirmando o direito de posse dos assentados diante dos donos de terra particular.

A manifestação desse conflito se dá nas ameaças. Os P2 intimidam de diversas formas. Colocam cruzes dentro das canoas, estacas na beira do rio onde estas embarcações ficam; mencionam a destruição de casas e outras benfeitorias que os P1 fizerem nas áreas em que há disputas por terra, mesmo que estas estejam situadas dentro do PAE Botos; enviam ofícios e mandatos de busca de origem duvidosa e contatam a polícia para prenderem os P1 na condição de invasores do próprio território. Além disso, os P1 afirmam serem constantes os casos de furto de castanha dos locais onde costumam guardá-las.

Mesmo descontentes com esta problemática, os P1 assumem uma postura ordeira sem responder às intimidações e ameaças com violência. Há reivindicação junto ao P3 e denúncia junto a polícia, então, são as ações que procuram fazer. Há, porém, muita demora na resolução das demandas. Existem, inclusive, casos que foram abertos desde o período de criação do assentamento e que não foram resolvidos ainda. Os trechos das narrativas que serão analisados sobre este contexto trazem neologismos semânticos que foram concebidos dentro da situação apresentada. As criações neológicos são a representação dessa realidade, já que Alves (2004) afirma que os neologismos funcionam como uma "representação histórica e social" (p. 79). É pertinente dizer que os recursos da metáfora e da polissemia são a condição de formação desses neologismos.

A metáfora consiste no deslocamento de uma palavra de um campo de significação a outro ao qual não pertence, e a polissemia é um conjunto de significações que têm validade linguística dentro de um contexto (CAMARA JR., 2007). A metáfora é concebida ainda como

a "associação de uma característica de um elemento de um paradigma cultural a outro de outro paradigma" (FERRAREZI, 2008, p. 201).

Trazendo para o contexto do PAE Botos, as três primeiras metáforas a serem analisadas fazem menção às situações de ameaça sofridas pelos P1. Na primeira delas, os P1 relatam que dentro do assentamento existem áreas sobre as quais os P2 afirmam ter propriedade. Caso os P1 construam casas nessa área, os P1 irão destruí-las. Há, então, o uso metafórico do verbo jogar para expressar essa ideia: "[...] se eles fizesse casa lá, ele jogava fora [...]" (Narrativa 010. Assentado, 46 anos). A expressão "jogar fora" está no Dicionário Eletrônico Novo Aurélio significando "desfazer-se de; botar fora". Não há alteração de classe gramatical, porém, o sentido expresso no fragmento está além de "desfazer-se de", já que se os assentados ocuparem a área em que há conflito terão suas casas destruídas, derrubadas, poderiam ser atacados com violência, enfim, expropriados. "Jogar fora" tem ligação com a violência proposta na ameaça recebida.

No segundo caso há uma alteração no sentido do substantivo arrumação, "ato ou efeito de arrumar-se; arranjar-se" segundo o Dicionário Eletrônico Novo Aurélio. Ele passa a ter o valor de verbo de ação, pois é usado para designar a postura de um grupo de pessoas que circundam o assentamento Botos empunhando armas de fogo e disparando tiros para o alto com o objetivo de intimidar os P1. Como se trata de uma ação muito recorrente, aqui arrumação significa permanecer fazendo a mesma coisa e/ou estar na merma situação que a anterior: "lá na frente eles já tavo de novo na merma arrumação" sic (Narrativa 010. Assentado, 46 anos). Visto deste modo, o substantivo arrumação designa uma ação desagradável, visto que está posto em um contexto de intimidação. Este sentido é também diferente daquele apresentado por Sérgio Freire no "Amazonês: Expressões e Termos Usado no Amazonas" em que arrumação é um substantivo que significa "Invenção desnecessária" (FREIRE, 2011, p. 33).

O que comprova a intimidação sofrida cotidianamente pelos P1 é o fato de eles já terem cogitado abandonar o assentamento por conta das ameaças dos P2: "[...] *Já deu vontade duas vez de ir imbora por causa desse negoço aí mermo, né? O home só veve ticando* [...]" sic (Narrativa 011, assentado, 41 anos). Destacando a expressão "veve ticando" é preciso dizer que o verbo ticar, "dar baixa em, mediante sinal em forma de V, ou furo, etc" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio) também está associado ao ato de ticar como "1. Cortar o peixe para tirar as espinhas. 2. Furar alguém com faca numa briga" (FREIRE, 2011, p. 94). Usando este sentido não há alteração na classe gramatical e uso metafórico da expressão se estabelece de acordo com o relacionamento entre os P1 e os P2, no qual os primeiros são sempre ameaçados

ou intimidados permeando um processo contínuo, que provoca incômodo e a vontade de abandonar o assentamento.

Esta forma de uso da língua pelos P1 corrobora com o que Ferrarezi (2008) escreve acerca da diversidade de associações entre palavras que o falante do português brasileiro é capaz de fazer,

[...] fazer semântica do brasileiro é ser capaz de identificar de que diferentes formas o brasileiro consegue associar palavras e sentidos para permitir que seus falantes criem boas representações dos mundos a que se referem, que o mundo real, quer os mundos imaginários (como os de ficção literária, por exemplo) (p. 25).

É interessante, pois, colocar que o que dá às palavras esta capacidade de adquirir novos sentidos é a polissemia. A semântica de contextos e cenários (scc) considera essa capacidade dando ênfase a seguinte ideia:

Essa multiplicidade de sentidos de um sinal é um recurso importante de economia para as línguas naturais, pois permite multiplicar os textos com o uso de um mesmo e menor conjunto de sinais do que seria necessário se cada sinal tivesse um e apenas um sentido. Essa propriedade atribuída aos sinais em uma língua natural é a polissemia (FERRAREZI, 2008, p. 165).

Isto se reflete na metáfora que se segue. Os P1 falam a respeito de uma ocorrência que registraram na polícia que não teve conclusão. Trata-se de uma tomada de atitude dos assentados, em encaminhar os casos de conflitos às instâncias que estão acima deles no tocante ao poder: "[...] ele botou a questão pra cima e até hoje tá rolando [..]" sic (Narrativa 010. Assentado, 46 anos). "Botar a questão pra cima", então significa recorrer à instância judicial e ao P3 apontando uma metáfora para a hierarquia. Trata-se de uma relação entre o significado de "cima", "a parte mais elevada" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio) e as relações de hierarquia no concernente à resolução dos conflitos, levando em conta que os assentados são impotentes frente ao problema por não haver apoio do P3, assim o que podem fazer é apenas registrar uma ocorrência e esperar a tomada de providências.

As metáforas a seguir descrevem o comportamento dos P1 diante das intimidações dos P2. Este primeiro assume uma postura pacífica, pois mesmo que o PAE Botos já tenha sido reconhecido como sua propriedade por lei, há ainda dúvidas provocadas pelos P2 quanto ao uso da terra. Diante disso, os P1 evitam as situações de violência de qualquer tipo: "[...] Eu acho que o cara indo na paz, eu acho que a gente consegue, né? [...] o cara vai querê entrá

bruto e fica mais difiço, né?[...]" sic (Narrativa 014. Assentado, 43 anos). Destacando as expressões "indo na paz" e "entrá bruto", tem-se que a primeira usa o valor semântico de paz, "Ausência de lutas, tranquilidade da alma" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio) que, neste caso, poderia ser substituído por "agir com cautela". Na segunda há a apropriação do sentido da palavra bruto, "Grosseiro, tosco, rude" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio), que ganha qualidade de substantivo significando grosseria, incivilidade.

Sendo assim, os P1 desejam que a situação de conflito se resolva e uma solução imediata seria a tomada de consciência dos P2 acerca do direito de propriedade dos P1 sobre a terra. Isto significaria estar "[...] *pelo meno meia vida tranquilo[...]*" sic (Narrativa 003. Assentado, 60 anos). Esta metáfora só faz sentido se levarmos em conta a situação de conflito dentro do conjunto de problemáticas do assentamento. Mesmo que se finalizem as ameaças, ainda existiriam outros problemas relacionados à infraestrutura do Botos: saúde, educação, acesso á agua de qualidade, etc. Porém, os P1 afirmam ser um grande progresso o término dos conflitos, ou seja, "meia vida" significa grande parte dos problemas resolvida. Por hipótese, a outra "metade da vida" (ou a outra metade dos problemas) ainda permaneceria, todavia, sem a interferência dos P2.

As metáforas, portanto, funcionam como um recurso no qual determinada expressão utilizada por determinada comunidade de fala pode servir a outra com sentido diferenciado a fim de apresentar uma ideia que seja pertinente ao contexto, sendo que "é uma das funções das metáforas: suprir a necessidade de expressar sentidos para os quais não há expressões específicas e costumeiras na língua" (FERRAREZI, 2008, p. 201). E assim, por meio dos fragmentos das narrativas explorados, percebe-se a realidade dos P1 constituída dentro de suas expressões linguísticas.

Nos relatos sobre o conflito pelo uso da terra no PAE Botos, os assentados se mostram inseguros quanto ao direito de posse de terra, que não sendo demarcada por lotes causa vulnerabilidade diante das reclamações dos P2. Deste modo, os assentados esperam que o P3 possa redefinir a modalidade do assentamento e demarcá-lo em lotes documentados.

Ao falarem da sua realidade, os P1 utilizam o verbo "abrir" no sentido de "garantir propriedade": "[...] *pedi a Deus que o INCRA abra essa terra pra gente trabalhá* [...]" sic (Narrativa 012. Assentado, 40 anos). A palavra abrir, de acordo com o Dicionário Eletrônico Novo Aurélio, pode significar "1. Mover (porta, janela, etc., fechada ou cerrada); descerrar. 2. Separar, afastar as partes juntas. 38. Obter, ganhar (abrir vantagem)". Porém, nenhum dos sessenta e seis significados contidos no dicionário corresponde piamente à ideia de "obter o direito sobre a terra" ou "legitimação do uso da terra para o trabalho". Nota-se que a

caracterização de uma metáfora se dá no "deslocamento de um sentido para uma expressão, segue um critério que não é estrutural ou linguístico, mas cultural" (FERRAREZI, 2008, p. 201). Por isso é essencial compreender o contexto em que estes neologismos semânticos estão empregados.

Alves (2004) traz uma definição sobre o neologismo considerando-o como algo embutido na cultura dos falantes que o criam definindo que "a unidade lexical neológica, que representa as necessidades cotidianas de nomeação, em muitos casos retrata um fato histórico, político, social, um desenvolvimento científico e tecnológico" (p. 80), como também é o caso das narrativas dos P1.

No fragmento seguinte o verbo cortar ganha outro sentido: "[...] já viero cortá duas vez essa terra aí por causa do P2, né? [...]sic (Narrativa 011. Assentado, 41 anos). Cortar a terra, então, é promover uma divisão entre a terra particular e a área do assentamento. Cortar significa "dividir com instrumento de gume" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio), o primeiro significado encontrado no Aurélio Eletrônico. Porém há outro sentido para esta palavra dentro do contexto do PAE Botos por meio de uma associação das ideias de divisão e demarcação. Este contexto está relacionado diretamente com a ideia feita por eles sobre os marcos, "sinal de demarcação, ordinariamente de pedra ou granito oblongo, que se põe nos limites territoriais" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio). Os assentados utilizam dois neologismos semânticos para a definição de marcos:

- 1. "[...] a aprovação foi duas visitas do INCRA. Adepois que o <u>picadão</u> foi feito, pra ir lá ver onde tá, nenhuma mais [...]" sic (Narrativa 003. Assentado, 60 anos)
- 2. "[...] Põe um <u>âmago</u> aí. Butemo o âmago lá. Aí fumo e pedimo o documento e pedimo pa vim a demarcação [...]"sic (Narrativa 003. Assentado, 60 anos).

Nestes trechos "picadão" não se trata de uma "grande picada" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio). O vocábulo se mantem como substantivo e informa um novo significado para marco. O mesmo acontece com a palavra "âmago", que, no contexto da narrativa não significa "o centro, o meio de qualquer coisa" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio), mas também define o objeto usado para demarcar um território. É importante dizer que é apenas compreendendo a situação de fala que se pode chegar à conclusão que âmago significa demarcar, pois não há proximidade dos termos abordados com qualquer um dos significados de marco.

Assim, segundo Ferrarezi (2008), essas permutações, deslocamentos ou mudanças de sentido observadas nesta análise são possíveis, uma vez que se levam em consideração os

aspectos culturais, as formas de ver o mundo que as pessoas possuem como também a maneira como elas agem e interagem neste no mundo.

Os P1 são pessoas que residem no meio rural do município de Humaitá e seu deslocamento para qualquer área urbana se dá por via fluvial, como já mencionado anteriormente. O rio Madeira se apresenta, então, como uma espécie de noção geográfica, de posicionamento, deslocamento ou de direção que os P1 utilizam costumeiramente, de forma que quando saem do assentamento em direção a Humaitá, por exemplo, usam o termo "subir" em lugar de "ir" ou "viajar". Isto se dá em razão da direção tomada pelo rio Madeira, já que subindo este rio, isto é, indo contra a correnteza, vai-se em direção a Humaitá. Sendo assim, nos casos:

"[...] Ai, a M<sup>9</sup> <u>subiu</u> depois, foi na delegacia da civil [...]" sic (Narrativa 003. Assentado, 60 anos).

"[...] porque eu quero <u>subir</u> dumingo pá mim... pá sabê da dicisão [...]" sic (Narrativa 004. Assentado, 61 anos).

Percebe-se o uso do verbo subir, "transportar-se ou elevar-se para um lugar mais alto; ir para cima" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio) associado, não perde o valor de verbo, mas está ligado à ideia do curso da água do rio Madeira, que, por sua vez, está associado a uma condição de deslocamento geográfico. Cabe aqui, a noção de pintar quadros por meio das palavras,

Quando usamos as palavras na forma que a língua prevê, "pintamos quadros" na mente das pessoas que nos ouvem, quadros que permitem que essas pessoas "vejam" com a mente as coisas que representamos mesmo sem elas as terem visto com os olhos. Esses quadros podem representar coisas que existem ou que acontecem na realidade (FERRAREZI, 2008, p. 73).

Seguindo a lógica do rio Madeira há ainda os termos "acima" e "embaixo" que são direções dadas para localidades que estão antes e depois do PAE Botos:

"[...]Esse meu cunhado que mora ali <u>embaixo</u> [...] "sic (Narrativa 014. Assentado, 43 anos)

"[...] Nós tem o nosso <u>acima</u> do do M2<sup>10</sup> lá, mas [...]" sic (Narrativa 014. Assentado, 43 anos).

"Embaixo" significa "*Em ponto ou plano inferior no espaço; Em posição inferior, por baixo*" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio). Sentido diferente do exposto nas narrativas,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> A consoante faz referência a um dos assentados.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Sigla faz referência a um dos assentados.

uma vez que os P1 se baseiam no rio Madeira para esses direcionamentos geográficos. De modo que "embaixo" não perde sua condição de advérbio, porém se refere a qualquer localidade que está à jusante em relação ao curso das águas do rio Madeira.

"Acima" significando "Lugar mais elevado" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio) também se mantém como advérbio, todavia ganha um novo sentido. Enquanto "embaixo" significa à jusante em relação ao rio. Acima está a montante, que significa em direção à nascente do rio, isto é, "subindo" o rio. Estes neologismos semânticos fazem parte de uma lógica que obedece a configuração de um cenário. Quanto a isto, Ferrarezi afirma que:

Além de um conjunto de conhecimentos culturais e de um processo de atribuição de sentidos progressivos em um roteiro cultural, o cenário compreende todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos dos sinais. Esses fatores incluem todo o complexo conjunto situacional que envolve a enunciação [...] (p. 26).

Para falar dos furtos de castanha os P1 utilizam o verbo carregar: "[...] essa castanha, bota assim na beira. Chega lá num tem. Já carregaro tudim [...]" sic (Narrativa 004. Assentado, 61 anos). Carregar como "por carga em; pesar sobre; sobrecarregar" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio) difere do "carregar" empregado na expressão como o sentido de "roubar". Freire (2011) em "Amazonês: Expressões e termos usados no Amazonas" também define o verbo "carregar" como "roubar". Assim, quando os P1 coletam a castanha e as deixam na beira do rio retornando aos locais de trabalho para buscar o restante, quando voltam, percebem que foram vítimas de furto.

Outro neologismo semântico presente no cotidiano dos P1 é a palavra "centro" utilizada por eles para designar o local onde quebram as castanhas coletadas e passam as noites "[...] vão quebrá castanha num centro ai pra dento [...]" sic (Narrativa 007, assentado, 60 anos). Os locais de coleta de castanha, geralmente, estão distantes das casas dos P1, dentro da mata. Claramente diferente de centro como "ponto interior equidistante de todos os pontos da circunferência ou da superfície de uma esfera" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio).

O neologismo apresentado a pouco mostra uma designação que é cultural entre os P1 para definirem o local de trabalho. Isto mostra que o léxico é uma ferramenta manuseada pelo falante de forma muito dinâmica e Ferrarezi (2008) salienta que,

A descrição que fazemos de um mundo é fruto direto de nossa visão desse mundo, por sua vez resultado da construção cultural que experimentamos em nossa existência [...] revela muito sobre nós mesmos e sobre nossa cultura – nossas marcas identitárias [...] (p. 75.)

Para demonstrar insatisfação diante das péssimas condições de infraestrutura do assentamento os P1 usam o verbo jogar com o sentido de outro verbo: [...] jogando os assentado numa terra dessa que num tem água e nem tem luz até hoje [...]" sic (Narrativa 003, assentado, 60 anos). O verbo jogar que, formalmente significa "Lançar em alguma direção; Arremessar" (Dicionário Eletrônico Novo Aurélio), dá lugar a outro, "abandonar". Quem comete esta ação é o P3 que falha enquanto instituição responsável pelo PAE Botos no que tange à infraestrutura do assentamento. Isto permite a aproximação entre os sentidos de jogar e abandonar como representação do sentimento de desamparo dos P1 diante do problema enfrentado.

É importante enfatizar que o neologismo na dimensão semântica apresenta uma condição arraigada à polissemia, proporcionando uma pluri-referencialidade. Esta tem razão no contexto em que as palavras são empregadas e dentro dele fazem sentido (BARBOSA, 2001). Nas narrativas do PAE Botos esses neologismos só fazem sentido se postos ao lado do contexto e do cenário em que são criados apontando assim para os traços culturais e a realidade social dos P1.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste trabalho fazem parte da riqueza linguística encontrada nas narrativas orais do PAE Botos que não comportam apenas neologismos semânticos. Seria possível trabalhar ainda com outros níveis de análise como o sintático e o fonético mantendo o interesse de perceber de que maneira a linguagem verbal se relaciona com a cultura e as condições sociais de determinada comunidade.

Os neologismos semânticos identificados nas narrativas orais apresentadas aqui não fariam sentido se não fossem analisados enquanto produto linguístico que representa a realidade de seus criadores, relembrando que "o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural de uma comunidade" (OLIVEIRA E ISQUERDO, 2001).

No tocante à aplicabilidade dos resultados discutidos neste trabalho, é possível dizer que se trata de uma inquietação de compreender os neologismos produzidos no meio rural. Trata-se também de uma possível contribuição para o trabalho com a língua portuguesa na sala de aula onde se propõe aguçar a competência linguística dos falantes da língua portuguesa. Falantes que precisam dominar o português padrão, porém, necessitam da mesma

forma conhecer a dinamicidade da língua falada e compreendê-la como algo que se modela à realidade social dos seus falantes.

Por fim, destaca-se a satisfação de compreender o léxico da comunidade do PAE Botos do ponto de vista da neologia semântica, por meio da qual houve a possibilidade de tecer relações entre a língua e o cotidiano de conflito, de ameaças, de apego a terra e a simplicidade das pessoas do meio rural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. <b>Neologismo: Criação Lexical.</b> 3ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
A Unidade Lexical Neológica: Do Histórico-social ao Morfológico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Organizadoras). <b>As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia</b> , Volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2004.
Neologia e Tecnoletos. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (organizadoras). As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Volume I. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2001.
BARBOSA, Maria Aparecida. <b>Da Neologia à Neologia na Literatura</b> . In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (organizadoras). <b>As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia</b> . Volume I. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2001.
<b>Léxico, produção e criatividade</b> . São Paulo: Plêiade, 1996.
BARDIN, Lawrence. <b>Análise de Conteúdo</b> . Lisboa: Edições 70, 2007.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As Ciências do Léxico**. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (organizadoras). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Volume I. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2001.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Lingüística e Gramática**: Referente à Língua Portuguesa. 26 edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CARVALHO, Nelly Medeiros de. **A Criação Neológica**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Revista Trama, volume 2, 2006.

DIEGUES, Antonio Carlos; Arruda, Rinaldo, S.V. (Orgs.). Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

Dicionário Eletrônico Novo Aurélio. Versão 5.0. Positivo Informática.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Semântica Para a Educação Básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRAZ, Aderlande Pereira. **Neologismos no Português Brasileiro Contemporâneo: Aplicação ao Ensino de Português Para Estrangeiros**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil, s/d.

FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Lingüística I: Objetos Teóricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Sérgio. Amazonês: Expressões e termos usados no Amazonas. Manaus: Editora Valer, 2011.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Léxico e semântica: Estudos produtivos sobre a palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do Seringueiro: Campo Léxico da Seringa. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (organizadoras). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Volume I. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2001.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística. Uma introdução.** Tradução de Marilda Winkler Averburg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

MARTINS, Evandro Silva. **A Neologia na Literatura: A Criação Milloriana**. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Organizadoras). **As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**, Volume II. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2004.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. **Regionalismos Brasileiros: A Questão da Distribuição Geográfica**. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (organizadoras). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Volume I. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2001.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua, Lingüística. In: FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à Lingüística I: Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto, 2006.

RICOEUR, P. Tempo e Narrativas. Tomo I. Campos: Papirus, 1994.

WEEDWOOD, Bárbara. **História Concisa da Lingüística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.